



AS RELAÇÕES SOCIOAFETIVAS E AS INTERAÇÕES NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Maria Sirlene Pereira Schlickmann¹

<http://orcid.org/0000-0002-7321-3280>

Rariely Rocha Felisbino²

<http://orcid.org/0000-0002-1376-104X>

Jorge Alexandre Nogared Cardoso³

<http://orcid.org/0000-0002-7725-7467>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo conhecer como ocorreram as relações socioafetivas e as interações no ensino remoto emergencial, na rede estadual de Santa Catarina, com base no contexto vivenciado numa escola polo da cidade de Tubarão, região sul de Santa Catarina. A pesquisa foi realizada durante o período de pandemia, ocasionado pelo SARS-CoV-2. Trata-se de uma pesquisa descritiva, de cunho qualitativo. Classifica-se como um estudo de campo, cujo instrumento de coleta de dados foram dois questionários, disponibilizados na ferramenta Google Forms, tendo como sujeitos professores, pais e estudantes; os dados empíricos foram analisados à luz do referencial teórico de base e revelaram que os sujeitos pesquisados sentiram falta dos amigos, das relações e interações interpessoais de modo presencial. Conclui-se que a presencialidade acompanhada do convívio com os pares e a intencionalidade docente continuam sendo insubstituíveis no processo.

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial; Interações; Relações Socioafetivas.

SOCIO-AFFECTIVE RELATIONS AND INTERACTIONS IN EMERGENCY REMOTE TEACHING

ABSTRACT

This article aims to understand how were the social-affective relations and interactions in emergency remote teaching in the state education system of Santa Catarina, based on a context experienced in a polo school in Tubarão city, southern region of Santa Catarina. The research was conducted during the period of pandemic caused by SARS-CoV-2. It is a qualitative research, classified as a field study, whose data collection instrument were two questionnaires, available in Google Forms tool, having as subjects teachers, parents and students of that school unit; the empirical data were analyzed considering the basic theoretical referential. It is concluded that relations and interactions constitute the pedagogical practice, which must be planned and developed with intentionality, sensitivity and affection, given the right of access, freedom, autonomy and integral ducation that must be guaranteed by the school.

Keywords: Emergency Remote Teaching; Interactions; Socio-affective Relations.

¹ Graduada em Pedagogia (UNISUL), Especialista em Fundamentos da Educação (UNESC), Mestre e Doutora em Ciências da Linguagem (UNISUL). Atua como docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado/UNISUL) e é professora dos Cursos de Formação de Professores - Graduação e Especialização (UNISUL). E-mail: <maria.schlickmann@animaeducacao.com.br>

² Rariely Rocha Felisbino. Pedagoga. E-mail: <rariely.jagua@hotmail.com>

³ Jorge Alexandre Nogared Cardoso, é Graduado em Ciências Biológicas licenciatura (UFSC), Mestre em Educação na Linha de Teoria e Prática Pedagógica (UFSC) e Doutor em Educação na Linha Educação e Comunicação (UFSC). Atua como docente em cursos de Formação de Professores (Unisul) e como Coordenador Geral da instituição de Educação Básica Escola Dinâmica Bilingual School, em Florianópolis/SC. E-mail: <jorgenogared@gmail.com>

LAS RELACIONES SOCIOAFECTIVAS Y LAS INTERACCIONES EN LA ENSEÑANZA REMOTA DE EMERGENCIA

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo conocer cómo ocurrieron las relaciones socioafectivas y las interacciones en la enseñanza remota de emergencia en la red estatal de Santa Catarina, con base en el contexto experimentado en una escuela de la ciudad de Tubarão, en la región sur de Santa Catarina. La investigación fue realizada durante el periodo de pandemia ocasionado por el SARS-CoV-2. Es una investigación cualitativa, clasificada como un estudio de campo, cuyo instrumento de recogida de datos fueron dos cuestionarios disponibles en la herramienta Google Forms, teniendo como objeto a los docentes, padres y alumnos de la referida unidad escolar. Los datos empíricos fueron analizados a la luz del marco teórico básico, concluyendo que las relaciones e interacciones constituyen una práctica pedagógica, que debe planificarse y desarrollarse con intencionalidad, sensibilidad y afecto, dado el derecho de acceso, libertad, autonomía y educación integral que debe ser garantizado por la escuela.

Palabras clave: Educación Remota de Emergencia; Interacciones; Relaciones Socioafectivas.

1 INTRODUÇÃO

A interação e as relações construídas na escola são essenciais para o desenvolvimento da criança. Conforme consta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a interação na educação básica se caracteriza no brincar e no cotidiano da infância, trazendo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral. Por meio delas, identifica-se a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BRASIL, 2017).

Devido ao fato de o mundo estar vivenciando e enfrentando uma pandemia desde o ano de 2020, por conta do coronavírus (Covid-19, do inglês *coronavirus disease* – nome oficial da doença de acordo com a Organização Mundial da Saúde), em Santa Catarina, foram adotadas algumas medidas para o enfrentamento do estado de calamidade pública, conforme pressupõe o Decreto nº 562, de 17 de abril de 2020, que declarou estado de calamidade pública em todo o território catarinense, para fins de enfrentamento da Covid-19.

De acordo com a normativa, ficaram suspensas “as aulas nas unidades das redes pública e privada de ensino, municipal, estadual e federal, incluindo educação infantil, ensino fundamental, nível médio, Educação de Jovens e Adultos (EJA), ensino técnico e ensino superior, sem prejuízo do cumprimento do calendário letivo” (SANTA CATARINA, 2020b). Todavia, após esse decreto, houve um movimento para a efetivação de continuidade da

educação na modalidade remota e também híbrida, ou seja, para as escolas atenderem ou totalmente *on-line* ou intercalando com os formatos presencial. Com isso, surgiram diversas questões para a implementação do novo espaço da escola.

Considerando o exposto acima, definiu-se como problema de pesquisa: como estão ocorrendo as relações socioafetivas e as interações no ensino remoto nesse período de pandemia (2020/2021)? Com base nessa questão, elencou-se como objetivo geral: conhecer como estão ocorrendo as relações socioafetivas e as interações no ensino remoto durante a pandemia. Tal objetivo desdobrou-se nos seguintes objetivos específicos: identificar as ações que o professor vem desenvolvendo para a comunicação com a turma; observar as mediações realizadas pelo professor e o modo como são abordadas; verificar quais são os espaços de aprendizagem e as plataformas utilizadas; identificar os momentos de interação professor *versus* criança e criança *versus* criança, no tempo e no espaço do ensino remoto; e verificar as condições objetivas das crianças para o acesso a um aparelho com internet por meio das modalidades de ensino remoto.

Esta pesquisa, quanto à sua abordagem, classifica-se como qualitativa; no que diz respeito à natureza, trata-se de uma pesquisa básica, sem aplicação prática prevista; em relação aos objetivos, classifica-se como uma pesquisa descritiva, configurando-se como um estudo de campo, ao buscar identificar como estão acontecendo as estratégias de ensino, para proporcionar a interação e a relação entre os pares, nos momentos de aula remota. A pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual do município de Tubarão (SC), uma instituição que atendia os estudantes de maneira 100% remota, como escola-polo. Os sujeitos da pesquisa foram professores, estudantes e familiares de turmas do 1º ao 3º ano do ensino fundamental, que, por meio de questionário estruturado na ferramenta Google Forms, responderam à pesquisa.

De posse dos dados empíricos da pesquisa, foram feitas as análises à luz do referencial teórico, cujos autores essenciais para esta discussão foram: Carvalho e Faria (2010), Freire (1987, 2000, 2003), Luckesi (1984), Mendes (2017), Pampanini e Smolka (2021) e Wallon (1995). Em termos de organização, este artigo está assim estruturado: inicialmente, apresentam-se a introdução e a metodologia; na sequência, discorre-se sobre a importância da interação, no contexto educacional; em seguida, desenvolve-se a análise dos dados da pesquisa à luz do referencial teórico; e, por fim, apresentam-se as considerações finais.

2 FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: BASE LEGAL E FORMAÇÃO HUMANA

A educação básica de qualidade é um direito assegurado pela Constituição Federal (BRASIL, 1988, art. 205). Assim, seu acesso deve proporcionar ao ser humano o desenvolvimento integral e pleno em condições de liberdade, dignidade, respeitando e valorizando as diferenças.

A educação ocorre, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, num ambiente familiar, na convivência humana, no trabalho, nos movimentos sociais, nas manifestações culturais, nas instituições de ensino e pesquisa. A educação escolar se desenvolve por meio do ensino em instituições próprias para esse fim, de modo a assegurar o pleno desenvolvimento do educando.

De acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina,

a escola é, portanto, o espaço social justificado pelo processo de mediação (VYGOTSKY, 2007), ou seja, é nela que se reúnem sujeitos que interagem uns com os outros em favor da elaboração conceitual progressivamente mais complexa, que os leva a pensar diferente, porque deslocam suas representações de mundo. Dessa forma, desenvolver o ato criador, o pensamento teórico, é (ou deveria ser) objetivo que move os sujeitos para a escola e marca a sua especificidade, sendo ela o espaço social da institucionalização do desejo de aprender (SANTA CATARINA, 2014, p. 41).

Logo, a escola é o principal espaço para o desenvolvimento integral do educando, prepara-o para o exercício da cidadania por meio do acesso ao conhecimento sistematizado historicamente pela humanidade. A escola é lugar de aprender, ensinar, interagir, relacionar-se e construir saberes capazes de transformar e contribuir para o desenvolvimento do ser humano. Destaca-se, então, o quão importantes são as relações e as interações sociais para o desenvolvimento das crianças; por meio delas, é possível aprender a interpretar, a encorajar, a esperar, a cooperar, desenvolvendo-se, por conseguinte, habilidades socioemocionais.

O ser humano se constitui e se desenvolve culturalmente e o meio onde está inserido reverbera esse processo de evolução. Assim, torna-se indispensável para todo e qualquer indivíduo construir relações e interações com outros seres humanos, sendo isso um dos princípios fundamentais da intencionalidade do professor. Constituiu-se, à vista disso, um

desafio em virtude da pandemia e, conseqüentemente, do distanciamento social, sendo necessário recorrer às tecnologias digitais para a mediação pedagógica.

Em 2019, ano que antecedeu a pandemia, já eram discutidas questões relativas às tecnologias e ao direito de todos os estudantes às relações, interações e aprendizagens.

No Currículo Base do Território Catarinense, essa questão está assim abordada:

Para ensinar e aprender na sociedade atual, não há como não compreender que as tecnologias nos permitiram novas relações com o conhecimento e afetaram nossos modos de interagir e nos relacionar. Nesse sentido, as escolas do Território Catarinense ainda precisam avançar na definição de um currículo que aponte para o trabalho com Tecnologias para a aprendizagem para todos os estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Todos nós, professores e gestores, precisamos lidar com o volume de informações cada vez mais rápido e disponível, para atuar de forma responsável e consciente nesse contexto de culturas digitais (SANTA CATARINA, 2019, p. 25).

Como se pode observar, além de promover a interação com o outro, é imprescindível que o educador da atualidade utilize as tecnologias da informação e da comunicação, no seu trabalho pedagógico. Isso leva o educador a passar por um processo de adaptação, o que foi aligeirado em função da pandemia da Covid-19.

Considerando este contexto, as questões afetivas são priorizadas nesta pesquisa, já que, a partir da integração do indivíduo com o meio, é necessário considerá-lo em sua totalidade, seu pré-construído, experiências, vivências, assim como seus sentimentos e emoções. Wallon (1995) já afirmava que é na interação e na relação entre professores e estudantes que a vida de cada indivíduo é afetada.

A seguir, são apresentados os resultados desta pesquisa, sendo realizadas a discussão e a análise de modo a verificar como estão ocorrendo as relações socioafetivas e as interações no ensino remoto neste tempo pandêmico, tão desafiador para a escola, a família, os docentes e toda a sociedade.

3 O PROCESSO DE MEDIAÇÃO NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO NO ENSINO REMOTO: EXPERIÊNCIAS DECORRENTES DESTE PERÍODO DE PANDEMIA

Crianças, professores, comunidade escolar, todos tiveram que se adequar ao novo lugar da escola, que foi, em grande parte, dentro das telinhas, seja na do celular, seja na do computador, ou até mesmo fora das telas, como no caso daqueles que não têm acesso a essas ferramentas ou à conexão com a internet, por não disporem da tecnologia necessária.

Mesmo com essa realidade, todos precisaram se adaptar. Em março de 2020, como já dito, o governo catarinense suspendeu as aulas por conta do agravamento da pandemia, e a migração da rede fundamental pública para o ensino remoto ocorreu de um dia para o outro, por meio de plataformas digitais. A partir desse momento, os professores precisaram se apropriar rapidamente das tecnologias digitais, envolvendo diferentes plataformas e aplicativos e enfrentar o desafio de desenvolver a docência, na educação básica, no ambiente virtual. De acordo com os professores entrevistados, que responderam à pesquisa, os recursos digitais mais utilizados foram: Google Classroom, Zoom, Meet, WhatsApp, YouTube, Google Forms e planilha, Kahoot e Mentimeter.

Vale lembrar Paulo Freire (2000, p. 26) que, mesmo sem ter vivenciado uma pandemia com isolamento social, já dizia que “[...] mudar é difícil, mas é possível!”, reforçando a ideia de que tudo é possível quando se tem coragem para enfrentar os desafios. No caso da pandemia, esses desafios foram muitos, em diferentes sentidos, como se pode ver na fala de Pampanini e Smolka (2021, p.229):

As plataformas e os espaços de aprendizagem que tomaram um novo lugar na escola requereram acesso ao ensino, o qual se tornou totalmente possível por um aparelho com internet. Foi, então, a internet que favoreceu/contribuiu para esse processo de interação, porém essa necessidade acabou escancarando uma das maiores feridas de nosso país: a desigualdade social.

Essas questões sociais se revelaram na pesquisa, principalmente, pela insegurança alimentar, já que muitas crianças fazem suas refeições principais no ambiente escolar. Além disso, as famílias tiveram que se adaptar à nova rotina, pois os responsáveis continuaram trabalhando e as crianças tiveram que ficar com avós, parentes ou vizinhos no horário em que estariam na escola, o que gerou uma nova organização/estrutura por parte das famílias.

Em relação as questões pedagógicas, para atender aos diferentes públicos, foi propiciada, em cada instituição escolar, a opção de retirada de material impresso, para o

desenvolvimento da ação pedagógica. De acordo com os docentes pesquisados, 50 estudantes utilizavam as plataformas digitais e 53 estudantes recebiam o material impresso, organizado pelos professores, que era disposto na escola para aquele estudante que necessitasse ou preferisse esse tipo de recurso. Segundo os dados da pesquisa, um pouco mais da metade dos estudantes recebia o material impresso – os familiares passavam na escola em que o estudante estava matriculado e retiravam as folhas e os materiais, como livros didáticos, para a realização das atividades.

Como se pode observar, o número de estudantes que recebiam os materiais impressos é significativo, uma vez que, no ensino público, muitas famílias não possuem acesso tecnológico adequado, para realizar os estudos remotamente, síncrono. E, sabe-se que, receber os materiais, requer leitura familiar e orientações. Em famílias vulneráveis socialmente, isso foi ainda mais desafiador.

Diante do exposto, questiona-se: o acesso à educação neste período de pandemia foi viabilizado - com qualidade? E, sendo viabilizado, como ocorreu o processo de aquisição da linguagem escrita/de alfabetização e as relações sociais e culturais?

A função social da escola, seja ela física ou remota, é contribuir para a constituição do sujeito no meio social e cultural, ao garantir a ele acesso aos conhecimentos historicamente construídos pela humanidade, por meio do desenvolvimento dos pensamentos teórico, crítico e científico. A pandemia, portanto, escancarou o quanto as pessoas precisam umas das outras, e no processo de ensino e aprendizagem, na construção dos conhecimentos e, especialmente, no processo de alfabetização, não é diferente, dado que é por meio das vivências e experiências que ocorrem as aprendizagens e transformações.

Diante desse contexto, houve um movimento por parte dos gestores do estado de Santa Catarina (das redes municipal, estadual e particular) para que a escola não parasse, apenas mudasse sua modalidade, tomando outro lugar, espaço e tempo, de maneira a cumprir seu papel mesmo em um momento pandêmico tão desafiador. As exigências para o retorno do ensino, ainda que de modo remoto, encontraram fundamento legal no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), para o qual a “criança e adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1990).

Neste sentido, sendo a escola um lugar essencial para o desenvolvimento da criança, neste momento a escola/o processo de ensino precisou se reinventar de maneira mais rápida e brusca. Diante desse cenário, ao se pensar no acesso e na aprendizagem das crianças, indagou-se às professoras como elas vêm desenvolvendo a comunicação com as turmas/estudantes, se pela linguagem escrita, por meio de videoaulas, aulas síncronas etc. Assim, foi solicitado a elas que descrevessem um pouco sobre as ações propostas durante o desenvolvimento do trabalho e de suas práticas pedagógicas. As respostas a esse questionamento foram os seguintes:

Professora 1: *Vídeo aula [sic]*

Professora 2: *Através das aulas no meet, alguns vídeo com explicações do conteúdo do YouTube e também no material impresso, com explicações detalhadas do conteúdos. [sic]*

Professora 3: *Vídeoaula É aula pelo google meet [sic]*

Professora 4: *Nossas aulas semanais pelo meet são sempre bem planejadas, com atividades interativas e aí mesmo tempo pra avaliar autonomia na escrita, leitura, interpretação e nas linguagem matemática. As aulas na plataforma contam com vídeo aulas da professora explicando o conteúdo e propondo atividades, O material impresso possui as mesmas atirarem adaptadas pro material escrito, os alunos assistem as aulas no grupo da turma pelo WhatsApp e tiram suas dúvidas. [sic]*

De acordo com as respostas das professoras, ficou evidenciado que a comunicação com a turma desenvolveu-se de maneira totalmente virtual, ou seja, por plataformas digitais, como Google Meet, WhatsApp, YouTube, entre outras, de modo assíncrono. Tais dados reforçam o dito anteriormente, que a escola tomou um novo lugar ao precisar aderir o modelo de ensino remoto com utilização das ferramentas digitais para desenvolver o processo ensino e aprendizagem. Deste modo, o professor, nesse processo, precisou encarar o desafio e, com rapidez, teve que se adequar e aprender a manipular novas ferramentas e recursos para o processo de ensino. Além disso, a família também precisou estar ainda mais envolvida no processo de aprendizagem dos filhos. Isso gerou para elas muitas dificuldades e incertezas, pois, em sua maioria, também não possuíam o domínio das tecnologias utilizadas, no ensino remoto; outras não tinham acesso à internet e nem a equipamentos de tecnologia, para utilização das plataformas digitais utilizadas pelos docentes.

Segundo as orientações da Secretaria de Estado de Educação, é função do professor:

Diversificar as estratégias e instrumentos de avaliação, atendendo os objetivos definidos no planejamento; Promover ações que fortaleçam o vínculo com os alunos, por meio de aulas online e outras atividades interativas; Ministras aulas síncronas e/ou atividades assíncronas (SANTA CATARINA, 2021).

Dessa maneira, pode-se perceber que as estratégias de ensino e de aprendizagem devem ser diversificadas, cabendo aos professores atender as diferentes necessidades e realidade dos alunos, assim como fazera ponte entre os conteúdos que devem ser ensinados/aprendidos e os estudantes. Diante de tais desafios, pode-se citar Freire (2003, p. 61), quando assim se manifesta: “é fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”. É tarefa do professor, em sua *práxis* pedagógica, estreitar os caminhos para que aconteça o processo de alfabetização das crianças. Mas como fazer isso neste tempo no ensino remoto?

Para responder a essa questão, aponta-se Carvalho e Faria (2010, p. 03), segundo os quais,

o papel do professor passa a ser, então, de um eterno pesquisador, buscando incansavelmente novas formas de ensinar, estudando como seu aluno constrói seus conhecimentos e como a afetividade pode funcionar de forma positiva na formação de indivíduos criativos e transformadores. A questão do tipo de relações afetivas existentes na classe, o vetor que remete para a qualidade da interação.

Ou seja: como criar momentos de interação no tempo e no espaço do ensino remoto entre o professor e as crianças que possibilitem o desenvolvimento do senso crítico, curiosidades e perguntas? Esse foi mais um dos questionamentos para os educadores da rede pública estadual, sendo obtidas as seguintes respostas:

Professora 1: Pouco tempo.

Professora 2: Quando estamos na aula no meet.

Professora 3: Atividades gravadas e pelo google meet para trabalhar a oralidade, leitura e escrita.

Professora 4: Sim, semanalmente aí vivo pelo meet, e diariamente fixo fixo disposição pra tirar dúvidas na plataforma e no WhatsApp no período de aula da turma. [sic]

Percebe-se que existe uma intenção dos docentes para que a interação ocorra por meio das plataformas digitais, mas não é possível perceber nas respostas a efetividade desta interação, além da interação nas aulas do Meet, apenas fica claro que o professor busca ficar disponível. Sobre essa questão, Wallon (1995, p. 93) concebe o processo de subjetivação e construção do ser humano, ressaltando que as interações sociais são possibilitadas:

[...] por meio da união com o meio ambiente que o sujeito começa não somente a viver, mas a experimentar sua vida. E é deste primeiro amálgama que deverá extrair o necessário para tomar consciência do seu eu e para opô-lo ao que, simultaneamente, lhe pareça pertencer àquilo que não é ele mesmo.

Com isso, a construção do eu, da identidade, é possibilitada pelas interações sociais com o meio no qual o sujeito está inserido, ao comparar, diferenciar-se e imitar o outro utilizando-se da linguagem. Por isso, faz-se necessário que haja o encontro, as trocas e a interação, seja com outras crianças, adolescentes, seja com os adultos e professores; cada um tem o que oferecer, bagagens de vivências, experiências, a história que constitui cada qual, o que, no caso do ensino remoto aqui em questão, ficou fragilizado. Todas essas questões têm

[...] como ponto principal a integração dos conjuntos funcionais (afetividade, cognição, motricidade e pessoa) e a integração organismo-meio. Assim, ela possibilita o entendimento do indivíduo em sua totalidade, compreendendo-o não apenas do ponto de vista de um dos conjuntos, mas sim por meio da interação constante entre eles, que resulta em uma pessoa única. O estudo de Wallon valoriza também um ambiente no qual o indivíduo está inserido, pois ambos se influenciam de maneira recíproca, sendo esse elemento igualmente importante do seu processo de desenvolvimento (MAHONEY; ALMEIDA, 2007 *apud* MENDES, 2017, p. 24).

Como se pode verificar as interações e as questões socioafetivas, sejam elas entre o professor e o estudante, sejam entre os pares, derivam de um conjunto de ações que possibilita o desenvolvimento integral, considerando o todo para a manifestação e integração do ser humano e isso, em função da pandemia, ficou prejudicado.

Tendo ciência destas lacunas, com o avançar da pandemia é preciso pensar nas suas consequências, no “novo normal” e na organização da escola a partir desta realidade.

Buscando refletir sobre esta questão, questionou-se sobre o período pós-pandemia. Como será? O que os educadores levarão para a vida?

Professora 1: *Fica mas tempo not [sic]*

Professora 2: *Desafiador foi os alunos no material impresso, por mais que tentamos colocar o conteúdo de uma forma simples que possam entender, não tinha certeza se eles estavam compreendendo. O que mais aprendi e que todos podem apreender quando a família participa.*

Professora 3: *Lidar com a tecnologia*

Professora 4: *Foi desafiador planejar sem ver o progresso diário das crianças, muitas vezes recebíamos atividades realizadas pelos familiares. Porém, tenho levado muito mais recurso práticos pra aulas tanto presenciais como remotas! Isso foi um aprendizado pra vida. QUANTO MAIS LÚDICO MELHOR! [sic]*

Todas as respostas demonstram, evidentemente, o quanto os professores tiveram que transformar e se formar para o avanço tecnológico; e isso, de maneira árdua, trouxe diversos aprendizados. O avanço da tecnologia é um fato e uma possibilidade para todos, por isso deve estar presente no ensino e na aprendizagem de todo professor e estudante. Um constante aprendizado é o principal conceito para enfrentar as incertezas do amanhã, por isso o ideal é estar sempre aberto ao conhecimento, seja óbvio ou novo. O papel do professor não é ensinar para o passado, e sim para o futuro do estudante.

Porém, percebe-se pela resposta dos educadores a ausência de reflexão acerca de como diagnosticar os aprendizados efetivados neste período e como garantir o acesso aos conhecimentos não desenvolvidos. Como trabalhar com aqueles que ficaram ausentes durante este período, como foi trabalhar com os estudantes que se dirigiram à escola para buscar o material impresso, como buscar os que, depois deste período, não voltarem para a escola etc. Essas são, também, questões essenciais, mas que acabaram não aparecendo nas falas dos docentes entrevistados.

No entanto, como já expresse anteriormente, o ensino remoto exigiu uma participação ainda mais efetiva dos pais ou responsáveis com o desenvolvimento do aprendizado, especialmente no processo de alfabetização. Deste modo, buscou-se, também, saber como os pais e os estudantes viveram este processo, suas experiências e pontos de vista em relação ao momento vivenciado, conforme é apresentado na sequência.

4 O LUGAR DA ESCOLA NESTE MOMENTO PANDÊMICO NA PERSPECTIVA DOS PAIS E ESTUDANTES

O ano de 2020 iniciou e, na retomada de volta às aulas, tudo aconteceu normalmente, milhares de famílias se prepararam e organizaram suas rotinas para mais um ano escolar. No entanto, no dia 18 de março de 2020 o Brasil parou, todos precisaram se recolher, as famílias necessitaram se reorganizar, pois era preciso enfrentar uma doença pouco conhecida que afetava todo o mundo. O que, inicialmente, era para ser apenas quinze dias de recolhida, tornou-se, aproximadamente, um ano e meio: sem aglomerações, encontros, com restrições e sem volta à escola por questões de segurança para a saúde individual e a coletiva.

Isso se estendeu até o ano de 2021, quando se realizou esta pesquisa; durante este tempo a escola se tornou um lugar diferente por meio do digital e dos materiais impressos que entraram na casa dos estudantes. No meio deste ano, o estado de Santa Catarina organizou e declarou a volta de todos os estudantes do ensino público às instituições escolares, já que o momento pandêmico estava mais ameno e o número de vacinados no estado crescia, porém tudo voltaria com algumas restrições e normas até ser possível conter a doença dentro das escolas.

No entanto, muitos estudantes, com atestados médicos e por opções da família, não voltaram ao ensino presencial e continuaram na modalidade remota, portanto, uma das perguntas feitas às crianças foi como elas se sentiram ao não estarem na escola. As respostas obtidas foram diversas, havendo um predomínio de tristeza por estarem sem o contato físico e presencial no ambiente escolar. Ao mesmo tempo, algumas respostas apontaram que os estudantes estavam felizes por terem a oportunidade de estar em segurança em meio a um tempo tão inseguro e desafiador para todos:

*Triste
Tristeza
Seguro
Bem atarefada
Muito triste e angustiada
Triste por não ver meus amigos
Me senti um pouco sozinho.*

*Sendo o primeiro ano escolar, não sentiu tanta falta, mas sente sim, falta da interação com os colegas
Triste, mas com o passar do tempo se acostumou
Bem e ao mesmo tempo com muita saudade dos professores e colegas
Com saudades dos amigos
Feliz
Saudade da Professora e a amigos. [sic]
Feliz*

Como é possível verificar, o fato de as crianças, adolescentes e jovens não voltarem à escola faz refletir sobre as relações humanas e a função social da escola. As linguagens, as relações e as interações são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, afinal, conforme compreendem Pampanini e Smolka (2021, p. 231), “[...]é por meio das interações com seus pares e como participante de um processo histórico que o psiquismo do homem se constitui, o que implica na apropriação da cultura por cada indivíduo”. Contudo, considera-se um grande e novo desafio a garantia de interação entre os pares para o desenvolvimento do funcionamento psíquico do indivíduo, responsável pela constituição da personalidade, da identidade e do desenvolvimento cognitivo.

Neste sentido, entendendo que a escuta é essencial neste processo, solicitou-se que as crianças listassem “coisas” boas do ensino digital e aquilo de que elas não gostaram. Ao indagá-las sobre como foi esse período em que ficaram distantes da escola, elas responderam:

(coisas boas) - Mais tempo com a mamãe; experiências com a minha mãe e pai; maior interação com o estudo da minha filha; praticidade, envolvimento com tecnologia, oportunidades de aprendizado; poder fazer as atividades em horários diferentes, de manhã ou a noite. [sic]; eu aprendi a ler rápido e tenho mais tempo pra brincar [sic]; conhecer a internet. Coisas ruins - Fiquei longe dos amigos; falta de contato com os colegas, e falta de interesse do aluno quando saímos pais que aplicam as atividades [sic]; não cumprimentar os colegas e a professora. Não compartilhar lanche. Não brincar com os colegas. Distância; o aprendizado a falta de paciência da minha mãe [sic].

Essa indagação evidenciou que nem tudo foi ruim. Os pais das crianças entrevistados também perceberam pontos positivos, principalmente no que tange ao tempo de permanência juntos e à interação entre eles que foram maiores; a flexibilidade nos horários e o contato com a tecnologia também possibilitaram-lhes ampliar os aprendizados, mas sabe-

se que isto não foi para todos. No que concerne às coisas ruins, o destaque foi justamente a distância dos amigos e dos professores, o contato, o que revela um sentimento de ausência das interações e, por conseguinte, as lacunas no desenvolvimento deles, integralmente.

Além disso, é possível perceber nos sentimentos manifestados pelos entrevistados, a dificuldade que cada família teve diante da necessidade de se adaptar a esse modelo e tempo da escola e da educação. A pandemia acabou impactando muito além da questão de saúde física, causou efeitos profundos no emocional de milhares de indivíduos que foram privados de seus trabalhos rotineiros, pois o simples ato de estar junto era – e ainda é – um perigo diante de uma doença tão desconhecida. Ainda, há de se considerar, aqui, ano retorno às aulas, as perdas sofridas, que, sem dúvida, muitos professores e estudantes também foram afetados.

Esses dados demonstram, de fato, o que as crianças e famílias sentiram ao enfrentar a pandemia na perspectiva de uma escola totalmente digital e distante da essência de um lugar onde se faz amigos, onde todos se relacionam, interagem e desenvolvem inúmeras habilidades emocionais, sociais, cognitivas, bem como a autonomia. De acordo com Luckesi (1984, p. 213), “o desenvolvimento do educando pressupõe o desenvolvimento das diversas facetas do ser humano: a cognição, a afetividade, a psicomotricidade e o modo de viver”. Assim, é preciso considerar a formação integral e plena do sujeito histórico, partindo da educação fundamentada na intencionalidade, na escuta, no diálogo, alicerçada na formação de crianças e infâncias, bem como na apropriação e transformação da cultura.

Após os professores serem questionados sobre o período pós-pandemia, foi realizada a mesma pergunta aos estudantes, em relação ao que eles aprenderam com a pandemia e o que levarão para a vida.

Que é importante ficar com a família e os amigos

A disciplina

A importância da valorização do professor em questões financeiras, e principalmente da parte dos pais, que acham que dar aula é muito simples...

Que devemos amar mais a nossa família e amigos

Que devemos aproveitar mais os momentos

Reciprocidade. Respeito. Amor.

Aprendi a ter paciência e responsabilidade

O cuidado com a higiene

*Que devemos nos proteger, pois assim cuidamos de nós e das pessoas que nos rodeiam
Que lavar as mãos é importante e a saúde tem que ser respeitada
Usar sempre álcool nas mãos
Que devemos nós cuidar e cuidar de quem a gente ama.
que Deus é dono de tudo. [sic]*

Como é possível perceber, para os estudantes os ensinamentos que a pandemia proporcionou foram muitos, desde cuidados com a saúde, higiene, proteção quanto paciência, disciplina, responsabilidade, reciprocidade, amor, respeito, valorização de pequenos momentos juntos (família e amigos), valorização dos professores, empatia, aspectos socioemocionais essenciais para a formação do indivíduo.

Diante do exposto, pode-se dizer, então, que a escola mudou de lugar, mas ainda é considerada pelos pais e estudantes como o local do ensino e da aprendizagem. Um dos seus papéis, que é garantir a oferta do ensino, foi cumprido mediante o enfrentamento dessa necessidade emergencial por meio do ensino remoto. No entanto, muitos estudantes não conseguiram acompanhar os estudos ou ter acesso; e muitos direitos também acabaram sendo bruscamente tirados, ficando, conforme os dizeres de Pampanini e Smolka (2021), nas “Memórias de quarentena”.

A partir dessas vivências, talvez, quando essas crianças olharem para suas memórias afetivas, lembrarão de um tempo no qual viveram uma mistura de sentimentos, vivências e experiências, necessitando muito da escola para seguir em frente e preencher as lacunas deixadas.

Diante de questões a serem enfrentadas no pós pandemia, questionou-se também aos pais ou responsáveis sobre quais foram os maiores desafios ou benefícios. A seguir algumas das respostas:

P2: *Para eu Andreia mãe da Andressa, achei muito bom, pois pude acompanhar mais o desempenho dela. E passar mais tempo juntas! Trabalho com caminhão e pude ter ela comigo. Proteja lá e ajudar mais nos estudos mesmo estando em outros estados. Ela me acompanhou e estudou dentro de um caminhão, sempre dedicada... eu estou muito feliz em poder está presente com ela e ajudar o nosso país. Quero agradecer a todos os professores do colégio E.E. Bertoldo Zimmamm e a Diretora Eliana que sempre está presente na vida das crianças!! [sic]*
P4: *Desafios foram alcançar com exito o entusiasmo da criança em querer estudar em casa, pois eles não entendem e nem tem a obrigação de*

entender algo que nunca esteve no cotidiano, e fazer eles entenderem que não tem escola, e nem verão os amigos. Benefícios foi reconhecimento dos profissionais na área da educação. Volto a dizer, NÃO TEM COMO SUBSTITUIR UM PROFESSOR EM SALA DE AULA POR UM ROBÔ. Por mais que os pais tem o dever de educar, ensinar, e dar continuidade ao aprendiz na escola, nada vai substituir a própria escola. [sic]

P14: *o maior desafio foi ter que aprender junto novamente com ela e ao mesmo tempo ter que ensinar, isso pra mim foi o mais difícil. benefício foi ter mais tempo com ela. [sic]*

Os dados revelam que a rotina das famílias teve que ser reorganizada por conta da pandemia; os pais, muitas vezes, tiveram que fazer o papel de professor de seus filhos, realizando a organização dos horários, do local de estudo, dos materiais – tudo teve que ser repensado. A transformação aconteceu desde a escola – o primeiro desafio era alcançar todos os estudantes para se comunicar, dar apoio, acompanhamento e direção de estudos. As famílias tiveram que se transformar, cada lar teve que se adaptar e se ressignificar, contando com a infraestrutura a que tinha acesso (ou não).

Nos registros dos pais e responsáveis aparecem, principalmente, o desafio e a dificuldade de desenvolver o papel do professor, aquele que motiva, apresenta conteúdos, proporciona aos estudantes a criação de hipóteses e realiza atividades e tarefas com maestria e intencionalidade. Nota-se que, na maioria das respostas, há apontamentos para o fundamental papel do professor – muitos até valorizam ainda mais essa profissão. Tal reconhecimento fortalece o papel do professor como “[...] o referencial, o líder, o que orienta e auxilia o aluno em suas atividades, seus sonhos e projetos” (CARVALHO; FARIA, 2010, p. 6). Ensinar e aprender em um tempo emergencial, conforme fica evidenciado nesta pesquisa, é um desafio de alta complexidade acentuado pela desigualdade social que amedrontou as famílias, bem como pelo sentimento de insuficiência e inadequação do ensino, dadas as responsabilidades conduzidas aos pais.

Fica visível o sentimento de sobrecarga dos familiares, que tiveram que se dedicar a aprender, ensinar, trabalhar e se desafiar para enfrentar a pandemia e suas consequências.

Assim, de acordo com esta pesquisa, pelo registro das famílias, nem o professor, nem a educação serão algum dia substituídos por um robô, mesmo que as tecnologias tenham se desenvolvido rapidamente e, em função da pandemia, a sua utilização na educação foi

acelerada, inclusive na Educação Básica, que precisou utilizar, emergencialmente, este recurso e funcionar remotamente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu um olhar para o modo como ocorreram as relações socioafetivas e as interações no ensino remoto emergencial durante a pandemia da Covid-19.

Considera-se, a partir dos dados, que a escola tomou um novo lugar com o uso das plataformas digitais, porém os dados evidenciaram a falta de acesso a essas ferramentas por parte de muitos estudantes da escola pública.

A falta de alcance ao meio digital impediu que mais da metade dos estudantes acessassem os conteúdos na internet, o que exigiu que a escola disponibilizasse também materiais impressos para o desenvolvimento das atividades educacionais. Foi atestado pelos professores que a maior comunicação acontecia virtualmente, com momentos síncronos em plataformas digitais, o que evidencia o quanto, diante de um estado emergencial, a educação e a escola pública ainda falham na garantia de acesso a populações sem condições mínimas de infraestrutura.

Verificou-se o quanto as relações e as interações são partes da prática pedagógica que devem ser planejadas e proporcionadas com intencionalidade, sensibilidade e afeto. A escola sempre foi e sempre será um lugar de relações humanas, espaço em que se aprende a conviver com o outro, lugar de criatividade, de aprendizagem e vivências. Seja onde estiver organizada, nos espaços presencial ou digital, a escola deve proporcionar a todos acesso, liberdade e educação integral de acordo com o preconizado em lei e por meio das políticas educacionais de educação para a educação básica.

Nesse sentido, diante da situação provocada pela Covid-19, compreende-se que, emergencialmente, foi possível os estudantes se desenvolverem por diferentes formas de acesso (remoto ou por material impresso), garantindo a continuidade das aulas.

Por fim, ressalta-se que é essencial, nesse processo de volta às aulas presenciais, a escuta dos sujeitos, também, avaliar o seu desenvolvimento nas diferentes dimensões. A partir daí, realizar diagnósticos, reorganizar o currículo, planejar em conjunto e reorganizar os espaços e tempos da escola de modo a considerar toda essa complexidade, mas sempre com

sensibilidade, afeto, empatia e resiliência. É importante a parceria com a família e momentos de formação dos professores e profissionais envolvidos, para que num trabalho conjunto, colaborativo, trocando ideias e experiências, todos possam seguir aprendendo juntos e, desse modo, possam cumprir integralmente a função social da escola.

Deve-se, assim, seguir esperando, como tão bem ensinou o saudoso Paulo Freire!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/USUARIO/Desktop/PEDAGOGIA/PROESD%202020/61821-390192BNCC_EI_EF_EM_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 jun. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 10 jun. 2021.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 13 jun. 2021.

CARVALHO A. M.; FARIA M. A. A Construção do Afeto na Educação. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 1, n. 1, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000. Disponível em: <file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/Paulo-Freire-Pedagogia-da-indignac%CC%A7a%CC%83o.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
LUCKESI, C. C. Elementos para uma didática no contexto de uma pedagogia para a transformação. Conferência Brasileira de Educação, 3. Niterói, 1984. **Anais [...]**. Niterói, 1984.

MENDES, D. B. **Memórias afetivas: a constituição do professor na perspectiva de Henri Wallon.** São Paulo: Edições Loyola, 2017.

PAMPANINI, D. D.; SMOLKA, A. L. B. Das (im)possibilidades de se alfabetizar e investigar em condições de isolamento social. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 14, p. 228-244, jul. 2021.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica.** Estado de Santa Catarina: Secretaria de Estado da Educação, 2014.

SANTA CATARINA. Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina. **Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense.** Florianópolis, 2019. Disponível em: <<https://uaw.com.br/pagflip/pdf.php?pag=portifolio&cod=35>>. Acesso em: 07 nov. 2021.

SANTA CATARINA. **Decreto nº 562, de 17 de abril de 2020a.** Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=393952>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SANTA CATARINA. **Decreto nº 509, de 17 de março de 2020b.** *Dá continuidade à adoção progressiva de medidas de prevenção e combate ao contágio pelo coronavírus (COVID-19) nos órgãos e nas entidades da Administração Pública Estadual Direta e Indireta e estabelece outras providências.* Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390985>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SANTA CATARINA. **Orientações escola polo 2021.** Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1nKH9XxbMMPYOj_LI4x5rDh_o9I5N12-D?usp=sharing>. Acesso em: 13 jun. 2021.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança.** São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

Revisão gramatical realizada por Lavínia Maria de Oliveira Vicente.

E-mail: revisora.lavinia@gmail.com

RECEBIDO EM 09 DE DEZEMBRO DE 2021.

APROVADO EM 21 DE DEZEMBRO DE 2021.